

## LITERATURA NEGRA FEMININA BRASILEIRA NO SÉCULO 21 E A EDUCAÇÃO NO BRASIL

Anna Paula Soares Lemos

Nos últimos anos, a produção feminina negra tem se intensificado na literatura brasileira: além da consagração da obra de Conceição Evaristo, temos visto surgir diversos outros nomes, como os de Ana Maria Gonçalves, Eliana Alves Cruz, Cidinha da Silva, Esmeralda Ribeiro, Miriam Alves, Lia Vieira, Esmeralda do Carmo Ortiz e Ryane Leão, entre tantos outros. A autoria feminina negra na literatura brasileira contemporânea se manifesta nos mais variados gêneros e formas – romance, conto, crônica, poesia, slam, e até mesmo no cordel. Entretanto, ainda são poucos os estudos críticos sobre essas autoras. A invisibilidade de suas produções no campo acadêmico tem consequências na circulação de suas obras entre o público leitor mais amplo, limitando o alcance desses textos que registram o olhar e as experiências de uma parcela significativa da população brasileira. Para lançar luz em produção tão rica, nesta edição da Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades, incluímos o dossiê “Literatura negra feminina brasileira no século 21” que convidou pesquisadores a apresentarem trabalhos que discutissem essa temática em uma perspectiva descritiva, analítica e crítica. Foram editoras convidadas para este dossiê as professoras Mariana da Silva Lima e Luciana Ferrari Espíndola Cabral do CEFET do Rio de Janeiro, e a professora Ana Lúcia Nunes de Sousa da UFRJ a quem agradecemos a colaboração.

Abrindo a edição, Gabriela da Silva Mendes, em AS CONTRIBUIÇÕES DE MARIA BEATRIZ NASCIMENTO, LÉLIA GONZALEZ, CONCEIÇÃO EVARISTO E

CAROLINA DE JESUS PARA AS CIÊNCIAS HUMANAS: UMA REVISÃO DE LITERATURA SOBRE INTELLECTUAIS NEGRAS, diz que “o que justifica e releva o presente estudo, incide precisamente no fato de se poder investigar e discutir acerca da probabilidade da construção de produção do conhecimento contrahegemônico na batalha contra o racismo institucional, bem como das desigualdades sociorraciais na área de educação em ciências humanas. Concluiu-se que a temática étnico-racial vem localizando maior recinto na produção científica nacional, especialmente nas ciências humanas. A urgência de uma intelectualidade negra com a formação de pesquisadores(as) negros(as) com maior engajamento, vem colaborando para um novo espectro das relações raciais no país através da produção científica”.

Em seguida, Alexandra Alves da Silva, Raquel Souza de Moraes e Vanessa da Fonte Cabral Viégas, no artigo MEMÓRIAS FEMININAS NEGRAS: DECOLONIZAR É CONTAR A HISTÓRIA QUE OS LIVROS NÃO CONTAM, visam “apresentar uma reflexão acerca do romance *O crime do Cais do Valongo*, de Eliana Alves Cruz, denominado pela própria autora como romance histórico-policial. Além do conteúdo do romance estar alinhado ao pensamento decolonial, a incursão da autora na ficção detetivesca também é significativa já que ela se apropria de uma literatura que nasceu e tem maior tradição em países anglófonos e que por muitos anos representou e reproduziu a ideologia europeia burguesa”.

Já em RETRATOS DE MENINAS E DE MULHERES NEGRAS: AFETO E PERTENCIMENTO NA LITERATURA INFANTIL, Maria Carolina de Godoy analisa “a representação da infância nas obras que delineiam imagens de meninas e de mulheres negras, destinadas ao público infantil, com recorte para as relações afetivas”.

Mariana da Silva Lima, Luciana Ferrari Cabral Espíndola e Emanuelle Teixeira Cardoso, em LETRAS DE NEGRAS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA, dizem que “As autoras negras que constituem a nossa literatura ainda são alvo de poucos estudos críticos; conseqüentemente, sua produção sofre uma invisibilidade no campo acadêmico e no público leitor mais amplo.” Então, voltado para essa questão, o artigo apresenta as conclusões de uma pesquisa que realizou uma revisão sistemática dos artigos acadêmicos publicados nos últimos anos com foco na produção literária de autoras negras no Brasil.

Fecha o dossiê, Daiane de Moura Rodrigues com o artigo ESCREVIVÊNCIAS AFROFEMININAS: SEXUALIDADES E AUTOFIÇÃO EM LUAMANDA desenvolve reflexões acerca do debate sobre sexualidades das mulheres negras e como a autoficção explora essa temática.

Continuamos recebendo artigos para a seção de TEMA LIVRE que nesta edição conta com artigos interdisciplinares relacionados a educação e antropologia. Abrindo a seção, Tamara de Souza Campos, no artigo FILHAS, PROFESSORAS, SANTAS, MARGINALIZADAS E MAIS: UM ESTUDO DAS IDENTIDADES FEMININAS DE 1902 A 1904, NA TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, procura compreender as identidades permitidas para as mulheres petropolitanas entre o século XIX e início do século XX. O artigo, assim, tem por objetivo analisar os discursos empregados no jornal para descrever as mulheres, investigando se existia algum espaço de fala para elas. O *corpus* compreende um ano e cinco meses de análise, em um total de 199 dias e 804 páginas analisadas. A identidade mais representada no período foi a de ‘Filhas e esposas’ com 91 menções, e a menos representada foi a de ‘Empoderadas’ com 8 menções.

Pela perspectiva da inclusão, Adriana Monteiro Antunes e Haydéa Maria Marino de Sant'Anna Reis no artigo INCLUSÃO ESCOLAR DE ALUNOS SURDOS E/OU COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA: TECNOLOGIAS ASSISTIVAS COMO INTERVENTORAS NO PROCESSO ENSINO E APRENDIZAGEM evidenciam condições favoráveis para a inclusão de alunos surdos e/ou com deficiência auditiva no ambiente escolar com auxílio das Tecnologias Assistivas, especialmente as digitais.

Fechando a edição, Dostoiewski Mariatt de Oliveira Champangnatte e Núbia Aparecida Viana, no artigo UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA NO ESTADO DE GOIÁS, discutem aspectos históricos referentes a EPT no estado de Goiás, dando destaque para o período de 1913 até 2008, tendo em vista suas finalidades e impactos na sociedade goiana.

Boa leitura!